

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT17.022

IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS ARTEFATOS CULTURAIS SURDOS NA OBRA KIKA E A ESTRELA ENCANTADA

Otávio Washington Lima Silva¹
Janaína Aguiar Peixoto²

RESUMO

Como parte dos resultados da pesquisa de mestrado intitulada *Vida e obra da cordelista surda Klícia Campos: um estudo semiótico e cultural*, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), este capítulo de livro apresenta os resultados e as análises do trecho em que há a identificação e as discussões acerca dos artefatos culturais do povo surdo presentes na história em quadrinhos (HQ) *Kika e a estrela encantada*, de autoria de Klícia de Araújo Campos, Danilo da Silva Knapik e Beto Potyguara. A obra nos apresenta as aventuras vividas por Kika, uma adolescente surda que reside na cidade de Teixeira-PB e anseia por compreender o mundo simbólico circundante. Para a realização deste estudo, nos ancoramos teoricamente nas discussões apresentadas por Strobel (2016) e Peixoto e Vieira (2018), que dialogam sobre os artefatos que emergem da cultura surda. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo (Oliveira, 2014) e exploratório (Silveira e Córdova, 2009), sendo a coleta de dados realizada a partir das informações presentes na obra *Kika e a estrela encantada*. Para a

1 Tradutor e Intérprete de Libras (IFPE – Campus Pesqueira); Professor Intérprete de Libras (SEE/PE); Doutorando em Letras (PPGL/UFPB). E-mail: otavioufpbibras@gmail.com;

2 Doutora em Letras; Professora no programa de pós-graduação em Letras (PPGL/UFPB) e no curso de Licenciatura em Letras Libras (CLL/UFPB). E-mail: proflibrasjana@gmail.com.

análise dos dados, utilizamos a técnica da representação escrita (Marconi e Lakatos, 2023). Os resultados evidenciam que a referida obra trata, de modo literário, das vivências de Klícia Campos, materializada na adolescente Kika, personagem da obra, apresentando a difícil realidade por ela enfrentada na infância e na adolescência por não se comunicar efetivamente com os familiares através da língua de sinais, o que a levou a inúmeros questionamentos sobre o mundo simbólico à sua volta. No que tange aos artefatos culturais presentes na HQ, ficou claro, em nossas discussões, que a Experiência Visual, o Linguístico, a Literatura Surda, a Família e a Vida Social e Esportiva estão presentes na trama.

Palavras-chave: Klícia de Araújo Campos; Literatura Surda Brasileira; Libras; História em Quadrinhos (HQ).

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo de livro é fruto da pesquisa de mestrado intitulada *Vida e obra da cordelista surda Klícia Campos: um estudo semiótico e cultural*³, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que dentre seus objetivos, destacamos o que segue: identificar os artefatos culturais do povo surdo presentes na obra a ser analisada semioticamente. A obra a que este objetivo específico se refere trata-se da História em Quadrinhos (HQ) *Kika e a estrela encantada*⁴, de autoria de Klícia de Araújo Campos, Danilo da Silva Knapik e Beto Potyguara, sendo o enredo pensado a partir das vivências da autora Campos, que é surda, paraibana e viveu parte de sua infância e adolescência em cidades como Teixeira, Campina Grande, Desterro e Itaporanga, municípios paraibanos.

O enredo conta a história de Kika, uma adolescente surda que vive na cidade de Teixeira e anseia por compreender o mundo simbólico à sua volta. Após cair uma estrela cadente mágica do céu, Kika tem a oportunidade de ver a cidade de Teixeira do passado através de um portal, quando era fortemente conhecida como Atenas dos Cantadores, considerada o berço da literatura de cordel. Após esse feito, Kika corre ao encontro do avô para contar tudo o que havia acontecido, mas, devido à barreira linguística, não consegue contar nada para ele, sentindo-se frustrada. Vendo a situação e contando com a enérgica ajuda da Andorinha, Vô Felinto decide aprender Libras para se comunicar com a neta surda, ajudando-a a compreender o universo folclórico de onde vive. Após aprender com a estrela cadente e com o Vô Felinto, Kika decide compartilhar tudo com os surdos da região, criando o Sarau Mãos Arretadas na Semana do Cordel, apresentando-o na Escola Municipal para Surdos da cidade de Teixeira.

3 Cf.: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/33838>

4 Cf.: <https://www.letraria.net/kika-e-a-estrela-encantada/>

Isso posto, neste capítulo objetivamos apresentar o recorte dos resultados e das análises da pesquisa de mestrado acima descrita, em que há a identificação e as discussões acerca dos artefatos da cultura surda presentes na HQ *Kika e a estrela encantada*. Para isso, nos ancoramos teoricamente nos estudos desenvolvidos por Strobel (2016) e Peixoto e Vieira (2018), que pesquisam sobre os artefatos culturais produzidos pelo povo surdo.

2 METODOLOGIA

Este estudo é de abordagem qualitativa, sendo conceituada como um processo reflexivo e analítico da realidade posta, em que métodos e técnicas são utilizados para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e segundo a sua estruturação (Oliveira, 2014). Por seus objetivos, está caracterizada como uma pesquisa exploratória, que para Silveira e Córdova (2009, p. 35) “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Os dados deste estudo foram coletados a partir da análise da obra *Kika e a estrela encantada*, de autoria de Klícia de Araújo Campos, Danilo da Silva Knapik e Beto Potyguara. Para análise dos dados, utilizamos a técnica de representação escrita, que consiste em “expor os dados coletados em forma de texto” (Marconi; Lakatos, 2023, p. 207). Outrossim, considerando a natureza da HQ e a necessidade de uma análise minuciosa, dividimos a narrativa em sete trechos, que foram nomeados a partir das características que identificamos serem marcantes, detalhadas conforme segue: 1. A angústia pela incompreensão (p. 15-17); 2. O despertar mágico (p. 18-23); 3. O susto (p. 23-25); 4. A barreira linguística (p. 25-26); 5. O despertar linguístico (p. 27); 6. Efetiva transmissão cultural (p. 28-29); e 7. Transmissão transcultural (p. 30).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A luz dos estudos desenvolvidos por Strobel (2016) e Peixoto e Vieira (2018), discutiremos, nesta seção, o conceito de artefato cultural e de artefatos culturais do povo surdo, bem como apresentaremos os resultados e as análises da obra *Kika e a estrela encantada*.

3.1 OS ARTEFATOS CULTURAIS DO POVO SURDO

Vivemos em um mundo repleto de possibilidades de construções significativas, e a natureza humana contribui para que isso se efetive. Assim, a partir de nossas ações e das práticas exercidas pelos nossos semelhantes, ou não, uma vez que o mundo não se resume a nós, seres humanos, atribuímos um sentido aos códigos que nos transpassam. Nesse movimento de compreensão, aprendemos e compartilhamos os sentidos com os membros de nossa comunidade. Deste modo, como bem pontuou Hall (1997), toda prática cultural está repleta de sentido e significação, toda ação social, além de ser cultural, também é uma prática de significação.

Segundo o Dicionário Etimológico⁵, a palavra cultura vem do latim *culturae*, que significa “ação de tratar”, “cultivar” ou “cultivar a mente e os conhecimentos”. Baseada em Eagleton (2005), Strobel (2016) afirma que etimologicamente, o conceito de cultura provém da natureza, sendo “lavoura” e “cultivo agrícola” seus significados originais, assim o “cultivo” da linguagem e da identidade são elementos fundamentais na construção cultural.

No livro bíblico de Marcos⁶, capítulo 4, versículos de 1 a 9, é contada a parábola de um agricultor que sai de casa para a lavoura. Ao longo do caminho, algumas sementes caem e são comidas pelos pássaros, outras brotam em solo pedregoso, mas morrem devido ao sol forte e às raízes,

5 Cf.: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/>

6 Cf.: <https://salvaimerainha.org.br/noticias/sao-marcos-4/>

que são fracas e superficiais; enquanto algumas caem em uma região de muitos espinhos, sufocando e morrendo após brotarem. Por fim, o trabalhador da terra, também conhecido como Semeador, lança suas sementes em um solo rico e fértil. Ao fim do ciclo da lavoura, o Semeador chegou à colher trinta, sessenta e até cem vezes mais por grão plantado.

Como pontuado por Strobel (2016) e complementado com a parábola do Semeador, uma semente que não é cuidada, está fadada ao apodrecimento, nada dali surgindo. Com isso, podemos chegar à conclusão de que algo muito semelhante ocorreu com as pessoas surdas. As potencialidades inerentes a nós seres humanos estava intacta no íntimo de cada pessoa que nascia com surdez, mas devido à “falta do cuidado de seus semeadores”, nenhuma consciência mais apurada chegou a vingar ou ser registrada. Podemos dizer que essas sementes foram consumidas por predadores ou até mesmo lançadas em solo inapropriado.

Essa realidade vivida pelo povo surdo começou a mudar com os ventos das novas ideias que surgiram na Idade Moderna, havendo uma quebra por um período de 100 anos após o Congresso de Milão e a retomada gradativa após a comprovação científica de que a Língua Americana de Sinais (ASL) era de fato uma língua, assim como a crescente mobilização articulada pelas pessoas surdas e sua comunidade linguística e cultural em prol de um ideal comum. Dessa forma, todas as sementes que brotaram e vingaram no solo fertilizado com respeito linguístico, educação significativa e formação política tornaram-se árvores frondosas e com frutos, haja vista que foram bem nutridas e puderam se desenvolver em um ambiente rico de oportunidades.

Como resultado, estudos foram realizados no intuito de mostrar que as pessoas surdas produzem artefatos típicos. No livro *As imagens do outro sobre a cultura surda*, publicado em 2016 pela Editora UFSC, Karin Strobel apresenta oito artefatos culturais do povo surdo, sendo: a. Experiência visual; b. Linguístico; c. Família; d. Literatura surda; e. Vida social e esportiva; f. Artes visuais; g. Política; e h. Materiais. Por sua vez, o livro *Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões*, organizado por Janaína

Aguiar Peixoto e Maysa Ramos Vieira, e publicado em 2018 pela Editora Sal da Terra, além de apresentar discussões que se ancoram nos artefatos elencados por Strobel (2016), também trazem uma novidade, em que Peixoto e Possebon (2018) apresentam o artefato Religioso, sendo ele o nono da nossa lista. Com isso, até o presente momento, contabilizamos nove artefatos advindos de todo o investimento despendido por pessoas surdas. Os artefatos contribuem para a constituição e o fortalecimento da cultura surda, que, para Strobel (2016, p. 29):

Cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Como resultado desse processo de tornar o mundo habitável para a realidade surda, surgiram os artefatos enquanto mecanismos de resistência e sobrevivência em um mundo majoritariamente ouvinte, inacessível e opressor. Falar em artefatos, muitas vezes, nos faz lembrar dos incríveis itens encontrados pelos historiadores ao descobrirem um sítio arqueológico pré-histórico, ou até mesmo a descoberta de uma tumba egípcia contendo sarcófago, múmia, vasos e itens de valor monetário e histórico incalculáveis. Contudo, os artefatos estão para além do que esses grupos culturais produzem materialmente e, conforme Strobel (2016, p. 43, grifos da autora), “também se pode incluir *tudo o que se vê e sente* quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc.”.

Com isso, o primeiro artefato cultural que apresentaremos é o da Experiência Visual, que é definido por Strobel (2016) como sendo o modo particular como as pessoas surdas percebem o mundo, provocando reflexões que desenvolvem a subjetividade surda.

Ela complementa dizendo que “os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo à sua volta através de seus

olhos e de tudo o que ocorre ao redor deles” (Strobel, 2016, p. 45). Este artefato compõe o fundamento das expressões culturais surdas, haja vista que se atrela à capacidade dos surdos de compreenderem o mundo à sua volta através da visão. Peixoto e Vieira (2018, p. 44) afirmam que “a experiência visual é a essência da Cultura Surda”.

O próximo artefato que trazemos é o Linguístico, definido por Strobel (2016) como a língua de sinais pela qual as pessoas surdas compreendem o mundo e se expressam. A autora inclui nesse artefato os “sinais emergentes” ou “sinais caseiros”⁷, enquanto gestos que compõem a forma natural das pessoas surdas que residem na zona rural ou que estão isolados das comunidades surdas. No Brasil, temos a Libras como a língua de sinais mais conhecida, sendo esta língua reconhecida pelo Estado Brasileiro através da Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002. A Libras é composta por elementos inerentes a qualquer idioma, como fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, sendo a modalidade de expressão um dos elementos que a diferenciam da língua oral, uma vez que a Libras é um idioma espaço-visual⁸ e a língua falada oral-auditiva (Quadros; Karnopp, 2004).

O terceiro artefato cultural apresentado por Strobel (2016) é o Familiar. A autora traz, ao longo deste tópico, reflexões acerca da vida da pessoa surda que nasce em uma família ouvinte e da que nasce em uma família surda. Ela inicia discorrendo que o nascimento de uma criança surda é celebrado por boa parte das famílias surdas, visto que é um fato natural, não havendo nenhum problema nascer sem ouvir. Em oposição, quando uma criança surda nasce em um lar ouvinte, “os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho ‘não normal’ e ficam frustrados porque veem nele um sonho desfeito” (Strobel, 2016,

7 Os sinais emergentes ou sinais caseiros são formas de expressão não convencionais expressas em contextos particulares por falantes surdos que não conhecem ou não tiveram acesso à Língua Brasileira de Sinais (Libras), utilizando gestos para a comunicação.

8 “As línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos (Quadros; Karnopp, 2004, p. 47-48).

p. 59). Nesse momento de frustração, decepção e tristeza, muitos questionamentos em relação ao futuro da criação surda são expressos. A autora fala ainda que dúvidas como “Será que meu filho surdo um dia ouvirá?”, “Será que um dia o meu filho terá uma vida ‘normal’?”, “Será que um dia ele falará igual à criança ouvinte?” assombram mães e pais durante muito tempo, ou até mesmo por toda a vida. Nesse movimento de dúvidas, a opinião da comunidade surda é a última a ser considerada, ou nem mesmo se cogita esta possibilidade, havendo uma supervalorização das orientações dadas por profissionais de saúde.

O quarto artefato cultural que trazemos é a Literatura Surda. Para Strobel (2016, p. 68), esta tradição literária “traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos”. A autora complementa dizendo que este artefato se materializa por meio de distintos gêneros da literatura, como a poesia, o romance, a piada, as histórias de surdos, a fábula, a literatura infantil, entre outras possibilidades de manifestação cultural. Sutton-Spence (2021) afirma que a literatura desse povo aborda a temática da experiência de ser surdo e, em alguns casos, dos conhecimentos da cultura surda. Ainda segundo a pesquisadora, para ser considerada uma literatura surda, é preciso que a produção atenda, ao menos, a um dos critérios a seguir: a. ser feita por surdos; b. tratar da experiência de ser surdo e do conhecimento da cultura surda; c. ter o objetivo de atingir um público surdo; d. ser apresentada em Libras. Dessa forma, a Literatura em Libras deve ocorrer nessa língua e pode se materializar em distintos gêneros, podendo também ser produzida por uma pessoa não surda, enquanto a Literatura Surda deve ser elaborada por um surdo, sendo necessário atender, ao menos, a um dos critérios adotados por Sutton-Spence.

O quinto artefato cultural é denominado de Vida Social e Esportiva. Strobel (2016, p. 74) explica que este artefato pode ser representado por “acontecimentos culturais, tais como casamentos entre os surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros”. A barreira linguística existente entre surdos e ouvintes não usuários da

Libras limita a relação entre estas pessoas, impactando diretamente na construção de vínculos mais sólidos e duradouros. Ao contrário disso, o encontro entre surdos e os membros de sua comunidade está recheado de diversas práticas sociais, como bem pontuado por Strobel.

O sexto artefato cultural surdo é o Artes Visuais, que se materializa através de inúmeras criações artísticas, tais como desenhos, pinturas, esculturas, teatro e outras manifestações que expressam a extensão, a beleza, o equilíbrio, a harmonia e as revoltas em decorrência das discriminações sofridas pelo povo surdo (Strobel, 2016). Nessas produções:

[...] os povos surdos fazem muitas criações artísticas que sintetizam suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e a sua cultura. O artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda (p. 82).

O sétimo artefato cultural surdo é o Político, “que consiste em diversos movimentos e lutas do povo surdo” (Strobel, 2016, p. 88). Historicamente, as associações de surdos tinham finalidade social em prol da construção de uma rede de apoio para inúmeras situações desafiadoras, como o acometimento de uma enfermidade, morte, desemprego etc., além de organizarem momentos formativos e de entretenimento (Widel, 1992 *apud* Strobel, 2016). Hoje, compreende-se que as associações possuem como um dos seus objetivos:

[...] a política. Nessas organizações juntam-se sujeitos surdos em reuniões e assembleias para compartilhar dos interesses comuns, lutando pelos seus direitos judiciais e de cidadania, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria, alugada ou cedida pelo Governo (Strobel, 2016, p. 89).

O oitavo e penúltimo artefato cultural é o Material, sendo compreendido como “resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano, e sua utilização é condicionada ao enleio do comportamento cultural dos povos surdos, que auxilia na acessibilidade na vida cotidiana de sujeitos surdos” (Strobel, 2016, p. 94). No passado, aparelhos como

o *Telephone Device for the Deaf* (TDD) ou Telefone de Surdos (TS) contribuíram e muito para a garantia da acessibilidade, uma vez que eram aparelhos com elementos visuais, pelos quais as pessoas surdas poderiam ter maior autonomia na interação com pessoas ouvintes. Na atualidade, campanhas luminosas, babás eletrônicas com vídeo, aplicativos com avatares em Libras, WhatsApp, legendas *closed-caption* e muitos outros recursos facilitam a vida das pessoas surdas.

O nono e último artefato cultural surdo, o religioso, foi descoberto pelos autores Peixoto e Possebon, que está presente no capítulo 15 do livro *Artefatos Culturais do Povo Surdo: discussões e reflexões*, organizado por Peixoto e Vieira (2018). Para os autores, o povo surdo, mesmo não possuindo uma delimitação geográfica, apresenta uma expressão identitária cultural própria e “possui em sua essência uma característica inerente do ser humano, o recorte da religiosidade, que abrange crenças, valores e práticas religiosas produzidas por sujeitos surdos” (Peixoto; Possebon, 2018, p. 190).

Ancorados em Alves (1981), Peixoto e Possebon (2018, p. 190) afirmam que “não existe sociedade sem a natural busca ao sagrado”, não sendo diferente para o povo surdo. Desse modo, no mundo hodierno, é possível encontrar surdos e surdas vivendo e expressando a religiosidade de diversas formas, seja como fiéis e/ou missionários ou na função de sacerdotes, como padres e pastores de religiões cristãs. Com isso, observa-se que, cada vez mais, espaços de fé e de crença vão sendo ocupados por pessoas surdas, que lideram cultos, missas, encontros, reuniões, e toda forma de conexão com o que é compreendido como sagrado. Os ambientes religiosos, que outrora excluíam as pessoas surdas e com deficiência, hoje estão se tornando lugares de acolhida e aceitação do outro a partir de suas diferenças.

Nos direcionando para o fim desta seção, e diferente do que muitos imaginam, apesar de estarem inseridas em uma sociedade majoritariamente ouvinte e que fala um idioma de base oral-auditiva, as pessoas surdas possuem expressões culturais típicas, resultado do modo de estar,

compreender e interagir com o mundo, refletindo na maneira como lidam e se expressam com o meio social circundante. Assim, antes de passarmos para as análises e discussões da obra objeto do presente estudo, é importante compreender que a visão limitada, adquirida a partir da perspectiva colonizadora da saúde e fortemente difundida socialmente, não se sustenta diante das riquíssimas expressões culturais sistematizadas nesta seção, entendendo sempre que o ser humano, enquanto “semente”, necessita de um solo adequado para fincar suas raízes e crescer rumo ao sol, fazendo brotar, de seus galhos fortes e nutridos, flores e frutos de potencialidades, aqui compreendidas como os artefatos culturais do povo surdo.

3.2 OS ARTEFATOS CULTURAIS DO POVO SURDO NA OBRA *KIKA E A ESTRELA ENCANTADA*

Desde a Antiguidade, o homem explora o uso de imagens na construção de narrativas (Rahde, 1996), as quais, com o passar das eras, foram se modificando à medida que as sociedades evoluíam. Na contemporaneidade, as HQs são amplamente exploradas para inúmeras finalidades, sendo a diversão apenas uma delas. Para Lima (2021, p. 31), “as HQs são textos completos em sentido e detentores de um percurso de sentido evidenciado pela imagem como elemento figurativo e a linguagem verbal escrita como elemento linguístico integrado ao sistema narrativo”.

Dada a sua importância, especialmente por explorar a visualidade que se ancora na linguagem, possibilitando compreensão, elementos essenciais na percepção, no entendimento e na interação com o mundo por pessoas surdas, optamos, a partir de um desejo pessoal, analisar a presente obra. A HQ *Kika e a estrela encantada* foi organizada pela professora Dra. Kelly Priscilla Lódodo Cezar e produzida pela equipe do projeto HQs sinalizadas, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Klícia de Araújo Campos, Beto Potyguara e Danilo da Silva Knapik são os autores da presente obra, os quais, inspirados na história de vida de Klícia Campos,

elaboraram todo o enredo da presente HQ. As ilustrações foram produzidas por Beto Potyguara, que é ilustrador e também um dos autores.

Imagem 01 - Capa do livro Kika e a estrela encantada



Fonte: Editora Letraria.

Orgulhosa por ser nordestina e paraibana, uma das autoras e idealizadora da presente obra, Klícia Campos decide compartilhar com a comunidade surda a cultura do lugar onde viveu boa parte de sua infância e adolescência, sendo as suas experiências a fonte de inspiração para o enredo da HQ. Por viver em regiões rurais durante uma parte da infância, Campos conviveu com os seus avós e tios, que muito contribuíram para que pudesse desenvolver a identidade nordestina, bem como aprender os costumes e as tradições que afluíam do seio da família. Para ela, o avô é a grande fonte de inspiração, chamado carinhosamente na dedicatória do livro de Seu Felinto, por ter compartilhado os conhecimentos com a neta, que hoje contribui para que a comunidade surda possa acessar os elementos do folclore nordestino atrelados ao cordel em Libras, inspirando-a a realizar a tradução e a criação de novas obras na língua de conforto, a Libras. Vamos às análises e discussões.

3.2.1 A ANGÚSTIA PELA INCOMPREENSÃO

Imagem 02 - Trecho 1 - “A angústia pela incompreensão”



Fonte: Campos, Knapik e Potyguara (2022, p. 15-17).

O trecho sob análise ocorre da página 15 à 17, introduzindo-nos na vida de Kika, uma adolescente surda falante da Libras que reside na cidade de Teixeira, no sertão paraibano. Na página 15, é possível observar que a personagem Kika se encontra sozinha e longe de casa. A sua expressão corporal e facial nos faz perceber um estado absorto, reflexo da incompreensão dos elementos culturais que fazem parte do contexto simbólico em que a personagem está inserida, já que, devido às barreiras linguísticas, não consegue compreender o que acontece à sua volta (p. 17). A clara compenetração expressa sai de cena momentaneamente para dar espaço à alegria que a Andorinha traz ao aparecer e cumprimentá-la em Libras (p. 16), em uma clara referência ao simbolismo atrelado às andorinhas, sendo “o presságio de boas-novas” uma delas. Nesse trecho, é possível identificar três artefatos culturais que emergem das experiências de vida de uma pessoa surda, sendo o primeiro a Experiência Visual, o segundo o Linguístico e o terceiro Família.

Começaremos a nossa análise a partir da página 15, com o artefato cultural Família. Para muitas pessoas, uma residência é sinônimo de abrigo, família, aconchego, diálogo, trocas cotidianas, conflitos etc., pois

é nesse espaço que dividimos a vida com os nossos parentes e com as pessoas com quem decidimos compartilhar o cotidiano. Assim, em muitos casos, existe uma relação de proximidade entre o eu e aquele espaço chamado lar. Destoando desse raciocínio, vemos, na primeira página, um movimento de distanciamento entre Kika e a residência. Estes elementos não foram inseridos por acaso, haja vista que essa distância reflete o estado de compenetração nos próprios pensamentos que a personagem enfrenta pelo seu isolamento social, familiar, cultural, afetivo e linguístico.

Sobre esse fato, Strobel (2016, p. 60) diz que, “na maioria dos casos, com famílias ouvintes, o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência de diálogo, de entendimento e a falta de noção do que é a cultura surda”. Essa realidade causa muito sofrimento às pessoas surdas por não conseguirem compreender e se integrar à realidade à sua volta, estando sempre às margens das relações sociais e familiares, além de não acessarem os conteúdos frutos dessas relações, ou, em alguns casos, terem um acesso parcial ao que está sendo tratado em determinadas ocasiões. A autora complementa com o seguinte relato: “Em muitas ocasiões, eu não entendia o que falavam ao redor da mesa durante as refeições ou durante as novelas na televisão e, muitas vezes, implorava às pessoas pela pouca atenção e explicação sobre tudo” (p. 61). Outro relato bastante interessante e que representa a angústia causada pelo isolamento linguístico é também apresentado por Strobel (2016). Vejamos:

Você fica fora da conversa à mesa do jantar. É o que se chama de isolamento mental. Enquanto todos os outros falam e riem, você se mantém tão distante quanto um árabe solitário num deserto que se estende para o horizonte por todos os lados. [...] Sente-se ansiosa por um contato. Sufoca por dentro, mas não pode transmitir esse sentimento horrível a ninguém. Não sabe como fazê-lo. Tem a impressão de que ninguém compreende e nem se importa. [...] Não lhe é concedida sequer a ilusão de participação [...] (Jacobs *apud* Strobel, 2016, p. 61).

Assim como Jacobs, que se sente como um árabe solitário em um deserto, é possível chegar à conclusão de que o sentimento da personagem Kika é muito semelhante, pois ela se encontra sozinha e isolada em cima

de um pequeno morro de pedras, resultado da angústia fruto da incompreensão dos elementos que constituem a cultura nordestina (dança, vestimentas, mamulengos, expressões culturais etc.) e do distanciamento com os seus familiares, representados na narrativa pelo Vô Felinto. Esse sentimento de isolamento, nomeado por Jacobs de Isolamento Mental, é também observado na página 17 ao mostrar Kika “mergulhada em um oceano de dúvidas” quando fecha os olhos e pensa em tudo o que a cerca.

Por sua vez, na página 16, é possível identificar os artefatos Experiência Visual e Linguístico ao nos depararmos com a figura da Andorinha, personagem que faz com que os artefatos sejam claramente expressos. Por estar reflexiva e isolada, Kika se encontra de olhos fechados pensando sobre a realidade à sua volta (p. 17); com a chegada da Andorinha, ela abre os olhos e sorri. Conforme corrobora Strobel (2016, p. 45) acerca das vivências surdas, “com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos e de tudo o que ocorre ao redor deles: desde os latidos de um cachorro – que são demonstrados por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corpóreo- facial bruta [...]”, fazendo com que essas pessoas vivenciem experiências visuais de um modo muito mais aguçado. A autora complementa falando que “essas percepções visuais abrangem, através de expressões faciais e corporais, atitudes dos seres vivos e de objetos em diversas circunstâncias” (Strobel, 2016, p. 46).

O último artefato identificado no trecho é o Linguístico, expresso pela Andorinha ao se aproximar e cumprimentar a personagem Kika com o gentil e tradicional “TUDO-BEM?”, uma saudação típica dos membros que compõem a comunidade surda. Mesmo sem utilizar a Libras, Kika demonstra alegria ao encontrar o que parece ser a única amiga que fala com ela nesse idioma, haja vista a sua importância para o acesso e a compreensão da realidade posta. Sobre este artefato, Strobel (2016, p. 53) fala que:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências

visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

Através da língua de sinais e da participação comunitária, as pessoas surdas se sentem mais seguras, com a autoestima fortalecida e com uma identidade bem definida, por isso, é imprescindível que o povo surdo conviva com os pares para que desenvolvam o sentimento de identificação e pertencimento, em especial, as crianças surdas. Outrossim, a língua de sinais representa a oportunidade de essas pessoas acessarem uma gama de informações e conhecimentos que circulam cotidianamente nos diversos espaços sociais, o que não havia sido identificado na realidade da personagem Kika.

3.2.2 O DESPERTAR MÁGICO

Imagem 03 - Trecho 2 - “O despertar mágico”



Fonte: Campos, Knapik e Potyguara (2022, p. 18-23).

O presente trecho ocorre da página 18 até a 23 e nos conta que, após dormir um sono profundo em seu isolamento, a personagem Kika não percebe que, próximo ao lugar em que estava com a Andorinha, uma estrela cadente havia caído do céu. Por ser surda, Kika não ouve o “CABUUM!” proveniente do impacto do objeto estelar com a superfície

terrestre. Ela apenas se dá conta do que aconteceu ao ser acordada com um puxão de cabelo da Andorinha, que, antes de decidir partir para uma estratégia mais enérgica, tentou acordar Kika com um toque no ombro, prática típica da comunidade surda quando se deseja chamar a atenção de alguém. Após ser alertada pela Andorinha, Kika vai em busca do objeto desconhecido, que, ao ser localizado e pego com as mãos sem nenhuma proteção, provoca uma reação mágica. Em seguida, um portal para o passado da cidade de Teixeira é aberto, comumente conhecida por “Athenas de Cantadores”, fazendo com que Kika compreendesse todas as expressões culturais que via em seu meio social, trazendo, assim, os esclarecimentos das dúvidas que a angustiavam. Diante do portal, Kika aproveita a oportunidade e lança uma de suas mãos para dentro dele, buscando um exemplar original do conto em cordel *O violino do Diabo, ou o valor da honestidade*, de autoria do poeta popular Altino Alagoano. Feliz pelo que tinha acontecido e descoberto, Kika corre para contar tudo ao Vô Felinto.

O trecho em análise apresenta três artefatos culturais, sendo o Linguístico o primeiro deles, o segundo a Experiência Visual e o terceiro a Literatura Surda. A página 18 não apresenta nenhum artefato cultural; ao passo que, ao fim da página 19, é apresentado o artefato Linguístico, com a expressão do sinal “QUAL?”, que em contexto significa “O que aconteceu?”. Este trecho pode ser observado no final da página 19, com as personagens Kika e Andorinha sombreadas. O segundo artefato identificado é o da Experiência Visual, explorado desde a página 19, quando Kika tenta compreender o mundo à sua volta ao observá-lo. Por sua vez, a página 20 torna evidente o artefato da Experiência Visual ao apresentar um olho com uma estrela que, gradativamente, aumenta

a intensidade do brilho; e, ao final da página, vemos o portal. Sem que uma palavra tenha sido dita, Kika identifica que um portal para o passado havia sido aberto e que, dentro dele, era possível ver a gênese da expressão cultural da cidade de Teixeira do passado, quando era ampla-

mente conhecida como “Athenas dos Cantadores”, pois a cultura literária era “efervescente” naquele espaço.

A página 21 continua a explorar a visualidade da personagem surda através da evidência em seus olhos nas duas cenas apresentadas. Por fim, identificamos “fagulhas” do artefato Literatura Surda nas páginas 21 e 22, pois, ao compreender a arte literária de Teixeira, sua cidade natal, mesmo sendo produzida por ouvintes, podemos concluir que representa o despertar para a possibilidade de uma futura produção literária.

3.2.3 O SUSTO

Imagem 04 - Trecho 3 - “O susto”



Fonte: Campos, Knapik e Potyguara (2022, p. 23-25).

Este trecho ocorre da página 23 à 25, retratando os fatos inicialmente ocorridos a partir da perspectiva do Vô Felinto, que, estando em sua residência, se divertia ouvindo música com alguns animais muito comuns no contexto rural do sertão brasileiro, sendo eles o bode, a vaca, o galo e o porco. Enquanto se divertiam, foram surpreendidos por um forte impacto na área externa e próximo à residência onde estavam, resultando em um grande barulho: “CABUUM!”, o que assustou e desnor-teou a todos. Ao se dar conta do ocorrido, Vô Felinto corre à procura de Kika, demonstrando muita preocupação com a integridade física da neta. Ao encontrá-la,

certifica-se de que ela está bem, abraçando-a. Neste trecho, não foi identificado nenhum artefato cultural surdo, principalmente por retratar a perspectiva do Vô Felinto, que é ouvinte e não falante da Libras.

3.2.4 A BARREIRA LINGUÍSTICA

Imagem 05 - Trecho 4 - “A barreira linguística”



Fonte: Campos, Knapik e Potyguara (2022, p. 25-26).

O presente trecho, denominado “A barreira linguística”, ocorre nas páginas 25 e 26, e retrata o desenrolar da narrativa após o impacto da estrela cadente. Depois de ter acessado o mundo simbólico proporcionado pela estrela mágica, Kika corre ao encontro do Vô Felinto para contar tudo o que havia descoberto. Ao encontrá-lo, Kika, muito animada e eufórica, relata em Libras todo o ocorrido, entretanto, por não saber Libras, Vô Felinto nada entende. Ao se deparar com esta realidade, Kika se retira aos prantos da cena. Próximo à estrela, surge magicamente o *Dicionário Ilustrado de Libras*, de autoria de Flávia Brandão.

Assim, torna-se evidente que o referido trecho apresenta três artefatos culturais, sendo a Experiência Visual o primeiro, o Linguístico o segundo e o Familiar o terceiro. Indissociável do Linguístico, a Experiência Visual é retratada e identificada em todos os quadros em que Kika aparece, haja vista que, devido à sua condição de pessoa surda, ela capta o mundo à

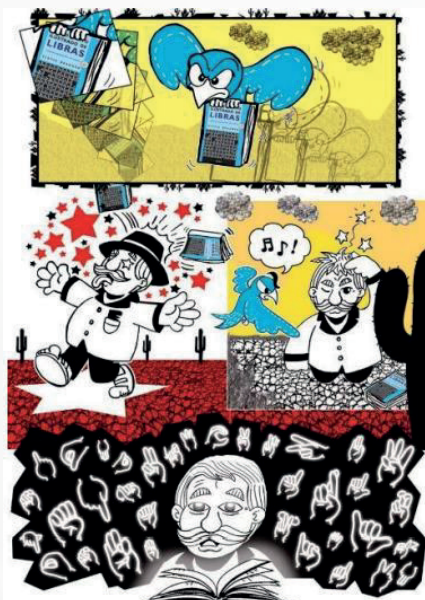
sua volta através da visão, atribuindo sentido a todo o mundo simbólico circundante (Strobel, 2016).

O artefato Linguístico é identificado através da fala sinalizada de Kika nas páginas 25 e 26, bem como da presença do *Dicionário Ilustrado* no final da página 26. Ambos os elementos identificados representam a língua de sinais do Brasil, sendo este imprescindível para a construção da cultura e da identidade surda, bem como para a compreensão de mundo através das informações e dos conhecimentos que só uma língua de sinais proporciona (Strobel, 2016).

Por fim, o artefato Família também pode ser identificado através da relação entre Kika e o Vô Felinto, sendo um caso típico de pessoa surda que nasce e cresce em um contexto familiar no qual os demais membros são ouvintes desconhecedores da Libras, limitando, assim, a interação e refletindo negativamente na vida das pessoas surdas pela falta de compreensão da cultura surda pelos familiares (Strobel, 2016).

3.2.5 O DESPERTAR LINGUÍSTICO

Imagem 06 - Trecho 5 - “O despertar linguístico”



Fonte: Campos, Knapik e Potyguara (2022, p. 27)

O trecho denominado “O despertar linguístico” está presente na página 27 e retrata a sequência de fatos após a saída de cena da personagem Kika, que se sente frustrada por não ser compreendida linguisticamente pelo Vô Felinto. Vendo a situação de Kika, a Andorinha atira o *Dicionário Ilustrado de Libras* na cabeça do Vô Felinto em uma clara indicação de indignação por ele não saber se comunicar com a neta. Após despertar a consciência da importância da Libras para Kika, Vô Felinto “mergulha” nas páginas do dicionário, ficando impressionado com a gama de informações presentes no material consultado.

Assim, podemos concluir que, no referido trecho, o único artefato evidenciado é o Linguístico, que emerge do dicionário e das mãos ao redor do Vô Felinto, representando as letras e os números em Libras.

3.2.6 EFETIVA TRANSMISSÃO CULTURAL

Imagem 07 - Trecho 6 - “Efetiva transmissão cultural”



Fonte: Campos, Knapik e Potyguara (2022, p. 28-29).

As páginas 28 e 29 abarcam o trecho denominado “Efetiva transmissão cultural” e nos contam a sequência de fatos após o Vô Felinto aprender Libras como que em um passe de magia. Na manhã seguinte à noite em

que iniciou os estudos linguísticos da língua usada por Kika, o avô utiliza a Libras para cumprimentar a neta com um “BOM DIA!”, que alegremente responde com um caloroso “BOM DIA!”, também em Libras. Em seguida, Vô Felinto presenteia Kika com um chapéu de cangaceiro e explica como aprendeu Libras, trazendo para aquele diálogo elementos da cultura nordestina, sobretudo, a literária. Após acessar todas essas informações e conhecimentos, Kika tem uma ideia.

Diante dos elementos observados e identificados, podemos concluir que o trecho apresenta quatro artefatos da cultura surda, sendo o primeiro a Experiência Visual, o segundo o Linguístico, o terceiro Família e o quarto Literatura Surda. Como citado em outros trechos, a Experiência Visual encontra-se presente em todos os quadros em que Kika aparece, uma vez que é a partir da sua visão que ela capta informações e conhecimentos do mundo (Strobel, 2016). O segundo artefato cultural surdo está presente na Libras falada pelo Vô Felinto e por Kika durante todo o trecho, bem como no dicionário apresentado no Quadro 5 da página 28, sendo este idioma utilizado por ambos a partir da primeira página do trecho analisado.

O próximo artefato identificado corresponde ao Familiar, fruto da relação de parentesco entre Vô Felinto e Kika, diferenciando-se dos trechos anteriores devido ao uso da Libras na comunicação entre os personagens. Por fim, o último artefato ainda não representa o potencial criativo de uma verdadeira Literatura Surda, conforme preconiza Strobel (2016), mas representa o início de sua construção, pois foi preciso que Kika obtivesse os conhecimentos e as informações necessárias a partir da literatura ouvinte da comunidade em que estava inserida para ter maiores condições e explorar as próprias potencialidades enquanto pessoa surda, contribuindo, assim, para a efetivação do que Sutton-Spence (2021) e Peixoto (2023) chamam de Literatura Surda Brasileira.

3.2.7 TRANSMISSÃO TRANSCULTURAL

Imagem 08 - Trecho 7 - “Transmissão Transcultural”



Fonte: Campos, Knapik e Potyguara (2022, p. 30).

O último trecho analisado é denominado “Transmissão transcultural” e está presente na página 30, correspondendo ao último trecho da nossa história, retratando uma prática transcultural em que Kika, ao criar o Sarau de Mãos Arretadas na Escola Municipal para Surdos, democratiza os conhecimentos adquiridos e o fazer literário repensado, trazendo novas possibilidades de divertimento, interação, ampliação de horizontes e compreensão das expressões culturais provavelmente não compreendidas por outras pessoas surdas da escola e dos arredores que prestigiam o evento.

Diante dos elementos que emergem do trecho analisado, podemos concluir que a Experiência Visual, o Linguístico, a Literatura Surda e a Vida Social e Esportiva são os artefatos presentes na HQ sinalizada. Como já pontuado, o artefato Experiência Visual está contido nos quadros em que Kika aparece, uma vez que este sentido é utilizado pelas pessoas surdas para interagirem e compreenderem o mundo simbólico que as cercam. Em seguida, o artefato Linguístico pode ser identificado nos momentos

em que Kika fala em Libras ao cumprimentar o Vô Felinto e a Andorinha, que estão na janela apreciando a atividade, bem como nos demais quadros. Por sua vez, o artefato Literatura Surda é expresso em todo o trecho, resultado da concretização da ideia de Kika em construir um sarau em Libras na Semana do Cordel, tornando o fazer literário e os conhecimentos inerentes à cultura nordestina, com destaque para o município de Teixeira, democratizados para as pessoas surdas presentes na Escola Municipal para Surdos.

Por fim, o artefato Vida Social e Esportiva pode ser identificado no movimento de confluência das pessoas surdas para a referida escola, que juntas apreciam o sarau, o que reflete o fortalecimento do povo surdo em comunidade. Strobel (2016) explica que este artefato é compreendido por acontecimentos culturais, como casamentos entre surdos, lazer, atividades nas associações, festas, entre outros, sendo os saraus em Libras um ótimo exemplo de uma prática social surda.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, o homem primitivo era nômade, vivendo da caça, da pesca e de tudo o que coletava do ambiente em que se encontrava instalado. Quando os recursos daquele local se tornavam escassos, deslocava-se para outro lugar onde houvesse abundância de alimentos e água. Essa prática perdurou por milhares de anos, até que começamos a desenvolver as primeiras técnicas de manejo agrícola e da pecuária, a partir da domesticação de animais silvestres. Com essa nova realidade, as constantes mudanças em busca de alimentos foram sendo substituídas pelo sedentarismo, prática caracterizada pela fixação em um único lugar, em substituição ao nomadismo.

No que concerne ao desenvolvimento agrícola, essa prática foi sendo aprimorada por milhares de anos e, inclusive, em 2025, continuamos trabalhando no aperfeiçoamento e criação de novas técnicas agrícolas. Isso se deve à crescente demanda por produção de alimentos e como reflexo

das mudanças climáticas, que requerem culturas mais resistentes às pragas, ao calor intenso e ao excesso de precipitação pluviométrica. Para chegarmos até aqui, foi preciso investir muito tempo conhecendo a terra, as culturas, o clima, as estações do ano e as pragas que pudessem pôr em risco a produção e a qualidade dos alimentos. Sem esses conhecimentos acumulados, nada seria produzido e não avançaríamos enquanto sociedade. Mas qual a relação que isso tem com o presente estudo?

Como pontuado de modo metafórico por Strobel (2016), uma planta não cresce sem a ajuda da natureza, pois ela necessita do sol, da chuva, do vento e do fertilizante para poder responder aos estímulos e, assim, desenvolver-se, podendo, com isso, frutificar. A autora ainda afirma que “a semente que está sozinha, sem ademão da natureza, não cresceria, uma vez que estaria abandonada e apodrecendo” (Strobel, 2016, p. 23). Assim como o fazer agrícola foi sendo aprimorado com o passar das eras e através do acúmulo social do conhecimento entre as gerações, podemos dizer, metaforicamente, que algo muito parecido ocorreu com as pessoas surdas ao longo de nossa história. A partir do momento em que as “sementes” passaram a ser “cultivadas”, “nutridas” e “bem cuidadas”, as “flores” puderam mostrar toda a sua exuberância e perfume, frutificando. Nesse contexto, as sementes representam as pessoas surdas, ao passo que as flores são as línguas de sinais espalhadas por todo o globo terrestre, enquanto os frutos são os artefatos culturais do povo surdo.

Com isso, a partir da fundamentação teórica deste estudo e das análises perpetradas, evidenciou-se que, diferente do que é erroneamente difundido socialmente, é possível, a partir de estudos como este, desconstruir as “verdades” postas e, assim, desestruturar o status quo. O povo surdo possui uma forte produção cultural, fruto de anos de luta, resistência e ressignificação diante da realidade histórica vivida, bem como de um “solo fértil e propício para o desenvolvimento integral” dessas pessoas. No que diz respeito ao presente estudo, objetivou-se apresentar o recorte dos resultados e das análises da pesquisa de mestrado intitulada *Vida e obra da cordelista surda Klícia Campos: um estudo semiótico e cultural*,

em que identificamos e discutimos os artefatos culturais do povo surdo presentes na história em quadrinhos (HQ) *Kika e a estrela encantada*.

Isso posto, evidenciou-se, ao longo deste estudo, que dos nove artefatos da cultura surda, apenas cinco estão presentes na HQ, sendo: Experiência Visual, o Linguístico, a Literatura Surda, a Família e a Vida Social e Esportiva. Assim, ao término de nossa pesquisa-recorte, esperamos que o presente estudo contribua com o fortalecimento dos estudos relacionados aos artefatos que emergem da cultura surda em âmbito literário, bem como seja fonte de inspiração para novas investigações.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2014.

PEIXOTO, Janaína Aguiar; VIEIRA, Maysa Ramos (Orgs.). **Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões**. João Pessoa: Editora Sal da Terra, 2018.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. ArtMed. Porto Alegre. 2004.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.

STRÖBEL, Karin L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2016.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Petrópolis, RJ. Editora Arara Azul, 2021.